

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Valéria Martins de Souza

**A PALAVRA E A RODA DE CONVERSA: UMA TENTATIVA DE
APLICAR A LEI 10.639/2003 EM TURMAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Belo Horizonte

2010

Valéria Martins de Souza

**A PALAVRA E A RODA DE CONVERSA: UMA TENTATIVA DE
APLICAR A LEI 10.639/2003 EM TURMAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Cultura Afro-brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Profa Dra Elânia de Oliveira

Belo Horizonte

2010

Valéria Martins de Souza

**A PALAVRA E A RODA DE CONVERSA: UMA TENTATIVA DE
APLICAR A LEI 10.639/2003 EM TURMAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Cultura Afro-brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Profa Dra Elânia de Oliveira

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra Elânia Oliveira – Faculdade de Educação da UFMG

Prof Dr José Raimundo Lisboa – Faculdade de Educação da UFMG

A Deus que colocou em meu caminho três bênçãos em forma de sorriso

(Luci, Meire e Mônica).

Eu já não tinha mais sangue nem força e vocês me “carregaram”...

No princípio era o Verbo.
E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.

Evangelho de João, capítulo 1, versículos 1 e 14.

RESUMO

O Plano de Ação intitulado “A palavra e a Roda de Conversa: uma tentativa de aplicar a Lei 10.639/2003 em turmas do ensino fundamental” procura discutir o uso da palavra falada como recurso poderoso na construção do conhecimento pelos estudantes de duas turmas do 2º Ciclo de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte.

A palavra falada tornou-se o principal instrumento de ensino e aprendizagem, no interior da sala de aula, em lugar das incontáveis folhas do ensino nosso de cada dia. A primazia do uso da fala justifica-se, dada a importância, em África, da palavra como instrumento estruturante das sociedades de lá. A função da palavra é quase sagrada, por ser ela a manifestação da força vital.

Com base nessas ideias, passou-se a empreender um trabalho relacionado a duas disciplinas: Matemática e Ciências. Através de conversas e mais conversas, comentários, dúvidas, perguntas e discussões, foi-se costurando um conhecimento que nasceu fruto da reflexão, do pensamento e da reelaboração das falas, ouvidas e ditas, no decorrer da aplicação da proposta.

Como forma de demonstrar que o registro escrito não foi preterido, mantendo ainda sua importância discursiva, foram produzidas pelos alunos cartas que sintetizavam as sistematizações de conhecimento oriundas da roda de conversa.

Foi possível verificar, num trabalho cotidiano em sala de aula, a importância de valorizar os saberes africanos, materializados num dos elementos estruturantes das sociedades africanas: a palavra. O chamado à sabedoria africana, em seu modo de processar informações e construir conhecimento pode atender, com qualidade, a implementação da Lei 10639/03, mostrando que a cultura e a tradição oral, que prescindem dos registros escritos são culturas e tradições como outras quaisquer, portanto, dignas de ser pesquisadas, dignas de ser respeitadas. Por falta de oportunidades de encontro entre todos os professores para discutir, em profundidade, a urgência na aplicação da Lei, não foi ampliada a proposta a outras turmas, ficando o trabalho restrito somente a duas turmas do ensino fundamental.

Palavras-chave: Lei 10639/03, oralidade, palavra, ensino fundamental

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. TEMÁTICA ESCOLHIDA E JUSTIFICATIVA.....	12
3. OBJETIVOS	19
4. METODOLOGIA	19
5. AVALIAÇÃO.....	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
7. REFERÊNCIA	27
8. ANEXOS	29

1. INTRODUÇÃO

1.1 Descrição do contexto escolar

O presente trabalho destina-se a registrar uma experiência vivenciada no ano de 2010, junto a duas turmas do 2º ciclo no 1º turno da Escola Municipal Hélio Pellegrino, situada no bairro Guarani.

Inaugurada há mais de quinze anos, a escola foi construída a partir da mobilização da comunidade, com destaque para a atuação da líder comunitária negra, Maria Tereza de Souza Costa, hoje, já falecida. É uma escola que funciona nos três turnos, com público que varia de 0 a 90 anos. Possui, como anexo, uma Unidade de Ensino Infantil (UMEI Aarão Reis) e atende também a modalidade EJA(EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS).

Apesar de registros esparsos em atas de reuniões, referentes à disciplina, avaliação, retenção, alfabetização, questão étnico-racial, proposta pedagógica e outros, a escola ainda não conseguiu transformar tais registros em um Projeto Político Pedagógico.

Em se tratando de aplicação efetiva da Lei 10.639/2003, vale registrar que existem iniciativas individuais, mas sem o acolhimento do grupo como um todo. Na UMEI Aarão Reis (anexo da Escola), percebe-se uma articulação mais consistente do grupo em torno da reeducação para as relações raciais.

Na escola, acontecem, via de regra, apresentações artísticas à época do Dia Nacional da Consciência Negra. Em geral, nesse período, acontecem também exposições de trabalhos desenvolvidos por alguns professores ou funcionários no decorrer do ano.

Os eventos, mais ou menos contextualizados, refletem projetos de professores, individualmente ou em pequenos grupos.

A discussão sobre a Lei 10.639/2003 ou sobre racismo, identidade e temas afins não se inscreve na pauta urgente ou de longo prazo a ser equacionada na vida da escola. Vai-se vivendo, sem que essa temática envolva o todo da instituição. O fato de que alguns a contemplem no seu fazer pedagógico parece até manter uma certa tranquilidade no ambiente, uma vez que, sabendo que alguém fala sobre isso, aqueles que nada querem com essa

temática seguem argumentando que Fulano ou Beltrano têm mais jeito para tratar disso .

O alunado que frequenta a escola é variado. Os bairros aos quais pertencem os alunos da escola são Guarani e Aarão Reis, todavia, usando transporte escolar, recebemos vários alunos dos bairros Tupi , Floramar e outros. No tocante à questão pertencimento étnico-racial, temos, como em toda a região Norte, considerável número de crianças e adolescentes negros.

A escola não se encontra em condições que a caracterizem como perigosa, dominada por atos de violência, depredação ou tráfico de drogas, felizmente.

1.2 Meu trabalho na escola e a questão étnico-racial

Trabalhando na escola desde 1997, tenho empreendido alguns trabalhos ligados à questão racial. Não pretendo discorrer sobre todos eles, mas reservarei um destaque especial para dois : “Contos Africanos” e “A Cor da Flor”.

As propostas foram aplicadas ao longo dos anos de 2007 e 2008, com culminância e exposição de trabalhos no mês de novembro.

Os “Contos Africanos” contemplavam histórias lidas ou contadas que versam sobre os mais diversos temas. Quando em funcionamento, a proposta contava sempre com a representação em desenho ou pintura dos personagens, demarcando os traços identitários da população negra e outras.

Já no trabalho denominado “A Cor da Flor”, as discussões, tarefas e reflexões ocorriam em três frentes: 1) O conto; 2) O toque; 3) O desenho. Resumidamente , podem ser explicadas da seguinte forma as três frentes de trabalho: 1-O conto era o momento da história contada ou lida ou vista através da tela de uma tevê ou computador. Com o auxílio imprescindível da literatura, a cada início de trabalho semanal, era trazida ao conhecimento das crianças uma história em que a temática africana se fizesse presente. Quando não fosse assim, o tema girava em torno do preconceito racial ou da valorização da diversidade. Ainda enriquecendo essa frente, poder-se-ia também recorrer a

livros cuja temática não tratasse de nenhum dos aspectos citados, mas que, contudo, trouxessem ilustrações que demarcassem o pertencimento racial dos personagens, principais ou não, dentro da categoria negro. Os planos de aula contavam com uma valorização significativa da imagem, força que pode acionar e mobilizar processos da mente, tornando mais ricas as experiências pedagógicas. Para garantir que assim fosse, todo o material impresso, recebido pelos alunos, mantinha as cores originais dos personagens retratados. 2-O toque era o momento em que , literalmente, as crianças se tocavam, fisicamente. Através de brincadeiras e jogos ou cantigas de roda, abraços eram dados, exames de cabelo eram feitos, cumprimentos usando mãos , narizes, em jogos teatrais variados, eram experimentados, de modo a promover a necessária aproximação entre as diferentes pessoas e afastar o estranhamento. 3- O desenho consistia no retrato dos personagens dos contos, das próprias crianças ou de um criança em particular, retratada por toda a turma, em pintura ou utilizando lápis de cor. Era nesse instante que se dava a discussão sobre qual o melhor conjunto de cores serviria para retratar, com fidelidade, a pessoa a ser representada.

Em 2009 e parte de 2010, diante das experiências vivenciadas durante o curso de História da África, comecei a questionar meu trabalho ligando temática étnico-racial e literatura, apenas. Não desmerecendo essa parceria que gera tão fecundos trabalhos, quis mover minha intenção em novos empreendimentos pedagógicos. Uma inquietação bem angustiante apossou-se de mim e passei a buscar a África no nosso dia a dia de povo brasileiro. Procurei entender que contribuições a África nos trouxe e continua trazendo para resistirmos como pessoas, sem nos resignarmos à condição inferior que a mídia e outros instrumentos de poder insistem em nos atribuir, inferioridade que vale para negros e não negros, mas que atinge níveis de barbárie quando se trata de população negra.

1.2 As turmas

O público a que se destinou a proposta foi composto por meninos e meninas entre 10 (dez) e 12 (doze) anos. Quase todos estudavam na escola há mais de um ano, pelo menos, e vários haviam sido matriculados ali desde pequenos. Cursavam o 5º ano do Ensino Fundamental, segundo a nomenclatura estadual, ou 2ª etapa do 2º ciclo nos termos municipais. Esta etapa corresponde ao que antigamente nomeávamos de quarta série.

Em termos de pertencimento racial, observando padrões brasileiros, poucos são os alunos que apresentam fenotípia próxima do tom mais preto de pele. Entre pretos e pardos, poucos são os que se auto-declaram negros. Em sua convivência cotidiana, já se ouviram apelidos pejorativos, de cunho racista, embora isso não represente um comportamento de parcela significativa das turmas.

Grande parte desses alunos já haviam vivenciado o trabalho anteriormente mencionado (A cor da flor) e chegaram a apresentar uma peça de teatro com dedicação cênica acima do esperado, figurino especial e trilha sonora bem cuidada. A peça versava sobre duas crianças que fogem para um quilombo e são heroínas em meio à crueldade de um senhor de escravos.

Em 2010, as duas turmas apresentavam nível de conhecimento semelhante, embora uma demonstrasse maior desempenho e engajamento nas propostas. Em termos de raciocínio lógico-matemático, eram alunos que apresentavam pouca iniciativa na resolução de problemas e desafios, preferindo atividades que repetissem modelos.

Percebia-se também que, quando se tratava de atividade escrita no quadro, muitos eram os que copiavam a tarefa, de preferência bem vagarosamente, de modo a postergar a realização. Após a cópia, quase sempre em câmera lenta, vinha uma espera pela correção oral ou no quadro que, depois de efetuada, patrocinava outra cópia nos cadernos. Cadernos

cheios, reinava paz e sensação de satisfação mediante o tácito preenchimento das folhas.

2. TEMÁTICA ESCOLHIDA E JUSTIFICATIVA

O que foi produzido aqui atende à exigência final do curso de Pós-graduação *Latu Sensu* em História da África e Cultura Afro-brasileira, edição 2009/2010 (LASEB – UFMG).

É proposta do texto relatar a experiência, passo a passo, mesclando reflexões e citações de autores como SMOLE (2001), DINIZ (2001), OLIVEIRA (2006), bem como algumas considerações constantes no “Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana(2009). Durante o relato, pretendo, à luz da memória do curso que se encerra, buscar apoio para algumas considerações nas falas e nos textos dos professores que por mim passaram.

Após várias reflexões sobre nossa vida em sociedade, nossa prática em sala de aula e nosso desconhecimento sobre a África fora e dentro de nós, cumpre investigar e pesquisar mais e sempre sobre essa instigante e visceral questão da existência humana: nossa identidade.

A inserção da temática racial na pauta diária de nossas discussões, faz-se urgente, dada à formação do povo brasileiro. A história do Brasil constrói-se, em grande medida, atrelada à História da África e dos africanos. A grande leva de homens e mulheres, forçados à inominável travessia que aportou aqui, construiu uma forma de sobreviver, resistir e viver.

Apesar das mais sutis e cruéis formas de invisibilização e destruição, o negro existe e está aí, vivo e buscando o direito a ser negro, sujeito de direitos, digno de respeito.

Em contextos variados, procura-se negar a história do negro, em suas manifestações humanas, culturais e religiosas, o modo de vida, a fala, o jeito de corpo, a ginga. Tudo pode ser menosprezado ou demonizado em favor de uma ética europeia. Essa opção, em suas vertentes estéticas, filosóficas e

morais exclui da cena da cidadania parcela considerável da população brasileira.

O que ao longo da história brasileira, vem sendo empreendido, a fim de destruir qualquer traço, marca ou herança da africanidade, em nossa vida de nação, pode e deve ser denunciado e eliminado. Já passa da hora de instituir uma nova ordem, que derrube os preconceitos, que inaugure uma estrutura generosa, ampliada, não excludente, que recupere valores e cheiros, há muito perdidos.

A reflexão que, à luz da Lei 10.639/2003, urge fazermos é aquela que questiona o fato de nos distanciarmos, cada vez mais, de nossa origem. Como negar nossa origem africana? Para além dos cabelos, da cor da pele, do formato do nariz, por que negar nosso modo de viver, ser e festejar, tão impregnado da alma africana?

Cumpramos reescrever uma história nova que inclua os que foram deletados da composição do ser brasileiro. Os heróis negros, os artistas, os mestres, os líderes espirituais, os avós e os bisavós, devem ser chamados à cena. Ao libertar da memória encarcerada, seres cheios de influência sobre nós, talvez nos apaziguemos com nossos demônios e descubramos, sem medo, que somos um povo forjado no trabalho, na resistência, na fé; portanto, um povo digno.

No trato da sala de aula, no âmbito escolar, sobretudo na Educação Infantil, há que se constatar a exigência, mais que necessária da inclusão dessa temática, desde tenra infância.

Considerando a necessidade vital da desconstrução do preconceito racial no Brasil, a fim de corrigir distorções históricas, prejuízos, traumas e injustiças, cumpre destacar a função do trabalho com a criança pequena, pois é lá que tudo começa, é lá que imagens podem ser indelevelmente gravadas para o bom e para o ruim.

Acontece que a substituição do pilar do preconceito racial por bases de valorização da diversidade pode encontrar entraves de ordem psicológica, ética, estética, religiosa, mesmo entre os que conduzem o processo de ensino. Há professores que sequer param para pensar em como o preconceito atinge a

eles mesmos, enquanto pessoas, que dirá em relação às crianças e aos adolescentes.

Não enxergando o negro no espelho ou fora dele, é comum não enxergar também o preconceito. A opção ética pela temática étnico-racial implica trazer para si essa mesma temática. Implica a coragem pessoal em dizer-se negro ou, em alguns casos, preconceituoso/racista. Em se tratando de Brasil, as duas realidades são, em certa medida, difíceis de se encarar.

Atentos ao que já foi construído até hoje pelos movimentos negros, vide a conquista da aprovação da própria lei 10.639/2003, pensamos que é preciso avançar, superar o banzo a que os negros foram submetidos, anos a fio, e prosseguir sem intimidações ou recalques. É preciso assumir com lucidez, olhar atento, estudo disciplinado e convicção política a bandeira da igualdade racial, mesmo que isso doa e custe.

Cabe salientar que a importância de uma reflexão como essa não nos impele somente ao cumprimento da lei ou da reparação diante de um processo histórico desumano. Trazer à vida a memória de nossos antepassados, daqui e de além-mar, com tudo o que sua alma conseguiu transportar (seus saberes, seus cantares, seus ofícios, seus odores e sabores), nos fará entender quem somos e, certamente, nos conferirá identidade descobrir de onde viemos. Essa descoberta pode ser a chave para muitas indagações do nosso tempo: indagações de vida, indagações de ensino.

Será que temas tais como sustentabilidade, vida saudável, respeito ao idoso (sem necessidade de Estatuto), equilíbrio, força, paz interior, qualidade da educação, não poderiam emergir, ao mergulharmos na nossa história familiar e de nação com grande presença africana em sua formação? Será que os valores civilizatórios africanos precisam mesmo ser esquecidos, abafados, tornados invisíveis? Não poderiam estes mesmos valores servirem de base para uma nova ordem social que se contraponha ao consumismo egoísta hiperpredatório da modernidade?

O trabalho por mim desenvolvido ao longo do ano de 2010 é uma tentativa de promover pequenas e modestas respostas sopradas do

“miudinho” de duas salas de aula. Não conta com imagens, dada a própria temática: a palavra

(...) em África, há uma estrutura comum que sedimenta a organização social, política e cultural. Esses elementos compõem a cosmovisão africana e, apesar das modificações e rupturas, seguem estruturando as concepções de vida dos africanos e seus descendentes espalhados pelo mundo depois da Diáspora Negra.(OLIVEIRA, 2006)

A “força vital”, um dos elementos estruturantes das sociedades africanas, ainda segundo Oliveira (2006):

é a própria manifestação do sagrado que sustenta o universo e permeia a relação entre os homens e entre eles e a natureza. Presente na esfera da produção, da socialização e da família, é na **palavra** que a “força vital” manifesta-se com toda sua vitalidade. (OLIVEIRA,2006)

A palavra adquire força, capaz de criar, mover, vitalizar. É subsídio fundamental para a criação do mundo. Impossível não recuperar a imagem bíblica “No princípio era o verbo. E o verbo se fez carne. E habitou entre nós”; ou ainda “E Deus disse: Faça-se a luz! E a luz foi feita”, exemplos ilustrativos da palavra criadora, presente também em outras cosmogonias.

“Além de ser expressão do preexistente, a palavra está intimamente ligada a uma dimensão histórica. É aqui que ela se liga ao conhecimento e sua transmissão” (OLIVEIRA, 2006). Oliveira, no entanto recuperando, em seu texto ideias de Fábio Leite (1984 p. 38) afirma que a palavra se faz presente, em todas as atividades humanas e não deve ser considerada somente como fonte de conhecimento. “É a energia primordial para o transcorrer da vida” (OLIVEIRA, 2006)

Fábio Leite, citado no texto de Oliveira (2006) , menciona que:

“Sendo a palavra dotada de uma parcela da vitalidade do preexistente, é necessariamente uma força inerente à personalidade total, daí que sua utilização deve ser cuidadosamente orientada, pois uma vez emitidas algumas de suas porções desprende-se do homem e reintegra-se na natureza (LEITE, 1984, p. 37). Deve-se lembrar, entretanto, que a palavra, uma vez proferida, é uma energia nem sempre

controlável e interfere na existência. Daí a necessidade de quem as pronuncia deter os conhecimentos necessários para que faça bom uso da energia-palavra, posto que ela é capaz de engendrar coisas, tanto construtivas quanto destrutivas. Tal é seu poder que, se for mal utilizada, pode, inclusive, voltar-se contra seu proferidor” (OLIVEIRA, 2006)

Depois de empreender essa primeira reflexão teórica acerca da palavra (elemento constitutivo das sociedades africanas), pretendo relatar como se deu o processo de construção do conhecimento através da palavra, não aquela escrita nas folhas, lousa e livros, mas aquela que é também respiração, aquela que não tem intermediários gravados ou xerocopiados. A palavra pura, saída de uma conversa entre os professores e alunos numa grande roda.

Consciente da necessidade de aplicar a Lei 10.639/2003, de forma o mais honesta e prática possível, vali-me das reflexões presentes no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana: “(...) O ensino de cultura Afro-brasileira destacará o jeito próprio de ser, viver e pensar, manifestado, tanto no dia a dia, quanto em celebração como congadas, moçambique, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras. “ (p. 73) . Pensando nesse “jeito de ser e viver” em suas manifestações no dia a dia, propus-me a investigar como o nosso modo de ser relembra e reinterpreta jeitos de ser africanos. A palavra (elemento estruturante das sociedades africanas) captou minha atenção e meu empenho. Optei, então, por uma investida que fugisse da discussão centrada na cor da pele, no cabelo, na música ou em manifestações visuais que remontassem a personagens negros. Pensei na influência dessas pessoas (nossos antepassados), com suas cores e cabelos, no modo de viver, sobretudo dos mineiros, famosos por serem prosadores, poetas e contadores de “causos”. Lembrei-me de Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e de uma prima negra da roça onde nasci, exímia contadora de histórias que conseguia trançar meus longos e crespos cabelos, sem dor, graças às magníficas histórias contadas ao pé do ouvido. Lourdes era seu nome. Pelos interiores de Minas e em outros cantos, muitos são os relatos de negras contadoras de histórias, às vezes parentes, como no caso do escritor Joel Rufino dos Santos,

que ,certa vez, disse ter presenteado a avó com textos da tragédia grega. Ela agradeceu, entretanto afirmou conhecer e contar histórias muito mais bonitas que aquelas. Negras também foram as contadoras de histórias na infância da escritora Cristina Porto. Segundo a escritora, seu amor à palavra veio daí.

Faltava, então, ligar palavra e prática pedagógica, mas não aquela palavra da aula expositiva, curta, única, monológica. Era preciso pensar na palavra dos nossos ancestrais, aquela palavra da roda, aquela palavra de onde saem respostas, soluções, vaticínios. Aquela palavra que não divide os interlocutores. Uma palavra criadora. Nesse caso, palavra criadora de conhecimento, Palavra que congrega e esclarece.

Percebi que não era necessário inventar a roda, pois que a palavra já fazia parte do nosso dia a dia escolar. O que não fazia com que ela ditasse a criação das aprendizagens era a opção quase que unânime na escola brasileira por valorizar somente livros, lousa, cadernos, folhas copiadas, numa palavra solitária, não dialogada e, em alguns casos não compreendida. Vê-se, muitas vezes, que as folhas já enchem a vida até mesmo de crianças bem pequenas.

O trabalho não se prestou a desqualificar os materiais impressos e desconhecer a relevância de instrumentos eficientes no arquivamento das mais variadas informações. O que se pretendeu, antes de tudo, foi um enaltecimento de valores africanos, valores que, aplicados ao nosso dia a dia escolar, podem cumprir os nossos objetivos de ensino, com qualidade em formatos que contemplem também o valor europeu da letra, se necessário for.

“O fato de nunca ter tido uma escrita jamais privou a África de ter um passado, uma história e uma cultura. Como diria muito mais tarde meu mestre Tierno Bokar: “ A escrita é uma coisa, e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem” (...) “ (“Amadou Hampâte Ba ,em Amkoullel, O Menino Fula, 2003, p 175)

Smole e Diniz vão afirmar em seu livro Ler, escrever e resolver problemas:

“Na escola, a oralidade é o recurso de comunicação mais acessível, que todos os alunos podem utilizar, seja em matemática ou em qualquer outra área do conhecimento. Ela é um recurso de comunicação simples, ágil e direto que permite revisões praticamente instantâneas(...) Independentemente da idade e da série escolar, a oralidade é o único recurso quando a escrita e as representações gráficas ainda não são dominadas ou não permitem demonstrar toda a complexidade do que foi pensado.”(SMOLE e DINIZ, 2001)

Ainda que, nesse comentário, a palavra funcione como recurso ou alternativa à falta de uma linguagem com outro nível de elaboração, mais à frente as autoras vão vestir a palavra falada com os trajes do refinamento de habilidades: “ Na essência, o diálogo na classe capacita os alunos a falarem de modo significativo, conhecerem outras experiências, testarem novas idéias, conhecerem o que eles realmente sabem e o que mais precisam aprender.”

Foi, a partir destas constatações que deu-se o trabalho ligado à palavra falada, sem a supervalorização dos chamados exercícios no livro, no caderno ou nas folhas.

Com a intenção de mostrar a importância de valores africanos ,hoje, em nosso ofício cheio de desafios, é que se inscreve a proposta de trabalho que será detalhada em seguida. E é interessante observar que talvez nossa postura frente à África esteja equivocada. Mudemos o foco. Pensar na África que trazemos em nossa alma, em nossa história, como valor impregnado, pode nos fazer melhores. Desconstruir o preconceito é fundamental, para além da inquestionável injustiça social e humana. Desconstruir o preconceito é necessário porque muitas de nossas respostas talvez sejam desvendadas, se ouvirmos as vozes sufocadas dos africanos que fomos e somos como nação plural.

Ouvir, dizer e construir conhecimento foi o que moveu esse trabalho. Confiante no quanto a palavra falada pode alcançar, busquei valorizá-la nas aulas de ciências e matemática durante o ano de 2010.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Interferir positivamente no desenvolvimento escolar de duas turmas do 2º ciclo, valorizando a palavra falada e a roda de conversa.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

* Evidenciar o poder da palavra falada como elemento estruturante da africanidade e da brasilidade;

* Promover estratégias em que a palavra falada revista-se de uma importância maior dentro das práticas escolares cotidianas.

4. METODOLOGIA

Como centrar o ensino nas rodas de conversa dos nossos ancestrais, em turmas de alunos de 10 (dez) a 12 (doze) anos, acostumados a folhas, cópias, rituais transmissivos que passam necessariamente pelo intermédio de máquinas, energia elétrica, lousa, tinta, teclas? Como encarar o conhecimento e o pensamento na respiração direta, frente a frente, às vezes até sem registro a lápis ou caneta, diante de uma comunidade que, às vezes, mede a qualidade do ensino contando as folhas preenchidas ou coladas no caderno? Como valorizar conversa, se conversa não é entendida como aula?

Frente a estas indagações, começou um processo de convencimento dos pais e dos alunos. Uma fala exaustiva e muitas vezes repetida buscava mostrar o caráter muitas vezes ritualístico das práticas escolares vigentes. A famosa correção do quadro, copiada nos cadernos, quase sempre incompletos dos alunos, não é a garantia da aprendizagem efetiva.

A todo o momento, em conversa com os alunos, eram feitos desafios a este ou aquele, sem registro. Diante da resposta satisfatória de um ou outro, eu tentava respaldar minha opção pela palavra. Vendo um colega acertando um desafio, sem escrita, sem cópia, muitos percebiam a necessidade de uma

aprendizagem resultante do pensamento e da elaboração verbalizada das ideias.

No tocante aos conteúdos em matemática, acontecia uma situação desfavorável. Um número significativo de alunos não dominava conteúdos essenciais como as quatro operações, todavia, se havia tarefas de casa, escritas, elas vinham completas e corretas, sugerindo que outros é que as realizavam.

Nesse ritmo de escrita emprestada, copiada do quadro, do livro ou de outros, era preciso fazer algo para evocar uma maior autonomia por parte dos alunos. A inércia de vários, frente aos desafios propostos nas tarefas, pareciam supor uma dependência ou uma negativa em assumir uma responsabilidade pessoal diante da aprendizagem. Soava como se não houvesse necessidade de se produzir alguma coisa, uma vez que tudo aparecia registrado, depois, seja em forma de folha impressa, seja em forma de coisa copiada. Trocar uma cópia por outra, por si só, já garantiria aprendizagem.

Essa lógica que distancia o aprendiz de seu conhecimento faz-me lembrar das reflexões de Larrossa (2001) “(...) O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião (...)”

Observando a não interferência dos estudantes, em seu próprio processo de aprendizagem, talvez valesse a pena fazê-los enfrentar seus próprios medos de aprender com uma estratégia simples, mas eficaz: conversar sobre o problema, utilizar a palavra, em sua dimensão estruturante nas sociedades africanas, talvez fosse uma possível solução para um domínio insatisfatório de habilidades e conhecimento, em nossa sociedade brasileira pós-moderna, porém tocada pelos prodígios africanos em sua semente, há centenas ou milhares de anos.

“(...) A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta (...)” (LARROSA 2001)

No encaixo de um ensinar e aprender que provocasse experiência, sentido, mergulho, exposição pessoal, assumindo riscos, erros e acertos, foi

proposto o projeto cotidiano “Ponto de estudo” e o subprojeto “Cartas para Adriana e Daniela”.

“(…) Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.” (LARROSA, 2001)

Eis que estava a nossa disposição a sabedoria africana contribuindo para a melhoria na aprendizagem de negros e não-negros.

4.1 Desenvolvimento

“Carregamos dentro de nós as maravilhas que buscamos fora: Há toda a África e seus prodígios em nós.”, conforme palavras de Sir Thomas Browne, religioso mediceu

Iniciando o mês de maio, foi proposto que, diariamente, os alunos recebessem um pequeno documento, por eles assinado, intitulado Ponto de Estudo. Nesse escrito, vinha um pequeno registro, bem sintético, dos conteúdos ou habilidades planejados para aquele dia. A partir disso, tudo corria dentro de uma rotina simples sem maiores elaborações ou recursos pirotécnicos. Cada item, ali citado, era colocado em discussão e, sobre aquilo, conversava-se, às vezes, até mais de uma hora. No momento das atividades individuais, porque elas não foram abandonadas, é bom que se diga, já se aproximava o fim do horário, ou seja, a aula, em verdade, girava em torno da conversa.

Para que o fio da conversa não fosse cortado, quando do contato com as famílias era recomendado que os alunos também conversassem em casa, com os parentes sobre aqueles mesmos assuntos. Por conta disso, os Pontos de Estudo continham também um espaço para confirmação da escuta feita pela família, em espaço para isso destinado, conforme se comprova nos anexos.

A seguir, uma descrição do trabalho ligado ao Ponto de Estudo, feita por uma aluna envolvida na proposta.

“Belo Horizonte, 20 de maio de 2010.

Bom dia, Adriana!

Como vai você?

Adriana, toda semana nós vamos escrever uma carta para você. E essa carta é para desenvolver nossa inteligência. A professora Valéria está fazendo um projeto com a gente que se chama **Ponto de Estudo**. Nesse projeto, ela dá vários conteúdos de matemática e pede para nós explicarmos em casa para a família e a família assinar o ponto de estudo. Mas esse projeto não está dando certo para algumas pessoas (ALGUMAS FAMÍLIAS NÃO ASSINAVAM). Por isso, ela inventou esse outro projeto. Nós vamos mandar uma carta para você toda semana. Porque 60% das crianças das escolas municipais não estão boas em matemática.

Paloma

Cabe a observação de que aquilo que parece desqualificar, perante o ocidente, o continente africano, qual seja o fato de muitas sociedades ou micro-nações transmitirem seus saberes lançando mão de fala e prodigiosa memória pode ser, para nós, uma ferramenta importante na busca de um ensino de qualidade em tempos de *déficit* de atenção e outros transtornos. A facilidade com que africanos, de um modo geral, aprendem outros idiomas além de sua língua materna, podem nos fazer supor que a fala é mesmo fundamental e estruturante. O fato de muito da sabedoria africana ter sido registrado em memória, via fala e observação minuciosa, não diminui a sabedoria. O fato de conversarmos e ouvirmos falar sobre assuntos ligados à matemática e ciências, todos os dias, numa sala de aula, ouvindo e sendo ouvidos, pode significar produção de conhecimento.

Ao longo do processo, como forma de demonstrar que aquilo sobre o que se conversa foi efetiva elaboração de conhecimento sistematizado, promovendo uma experiência verdadeira, entrou em cena outra faceta do trabalho: a produção de textos, escrita no gênero epistolar, endereçada a duas professoras, uma de matemática e outra de ciências. Essa produção buscou

refutar a convicção daqueles que pudessem acreditar no soterramento da produção escrita e lida, diante de uma sobrevalorização da fala e da escuta.

Dois conteúdos foram contemplados neste formato: Ciências e Matemática. Observe-se também que, às vezes, ao lado dos conteúdos formais, a serem ensinados, figuravam também pequenos textos a serem recitados pelos alunos (trovas, trava-línguas). Essa era uma das atividades que mais agradavam aos alunos, visto que a apresentação oral desses textos ocorria dentro de sala também.

A produção das cartas acontecia depois de esgotadas muitas possibilidades de abordar determinado assunto. Se conversássemos durante algumas semanas sobre frações e porcentagens correlatas ($1/4$ é equivalente a 25% , por exemplo), os alunos produziam uma carta à Professora Adriana (de matemática), explicando tudo o que eles compreenderam sobre esse assunto. Essa carta era a garantia da continuidade da conversa, uma vez que a professora Adriana respondia e fazia apontamentos ou propunha outros desafios, diante de conteúdos que não fossem bem compreendidos. Era, então, momento de voltar a conversar sobre aquele assunto. E novamente voltava-se à roda de conversa para, de novo, tentar construir conhecimento sobre aquele assunto em particular.

Há quem possa pensar no que tal trabalho difere de uma aula normal, comum, nos moldes ocidentais de qualquer aula. Volto a dizer que a proposta é óbvia e simples. A diferença diante de qualquer proposta pedagógica mais comum é a fala, é a conversa incansável, sem que o professor sente ou se volte para suas tarefas, até que aquela aprendizagem pretendida seja manifestada pela fala e, posteriormente, pela escrita, em cartas, exercícios e provas, ainda que de forma imperfeita.

A rotina da conversa em nada interferia na disposição de cadeiras e carteiras. Sentados, como é comum acontecer em qualquer ambiente de sala de aula, os alunos, ainda assim, eram participantes de uma “roda” de conversa. Sobre o assunto porcentagem, por exemplo, iniciou-se a conversa pela professora, com uma pequena explicação. A partir daí, quase sempre, eram feitas perguntas que desafiavam o pensamento da criança a tentar entender e

verbalizar o que fosse sua compreensão dos símbolos 100%, 50% etc. Além das explicações, a rotina era entremeada com comentários, formulação de dúvidas, perguntas. Nestes momentos, eu percebia que a atenção dos alunos era concentrada. Mesmo entre os alunos que pareciam não estar entendendo todas as explicações, havia uma postura ouvinte, não dispersiva.

Como forma de valorizar a conversa, até nos momentos de atividades mais individualizadas, incentivava-se a produção em dupla, de modo que um conversasse com o outro a fim de buscar a melhor forma de resolver os desafios em Ciências e Matemática.

5. AVALIAÇÃO

A ação que se desenvolve na escola, não só em relação à aplicação da Lei 10.639/2003, mas no que concerne a qualquer outra discussão, depende de uma vontade pessoal, todavia essa vontade pessoal, precisa encontrar algum tipo de ressonância, seja no âmbito da Escola, enquanto instituição, fazendo parte do PPP (Projeto Político Pedagógico), seja nos planejamentos do dia a dia. Não sendo assim, fica qualquer experiência fadada a um brilho, se houver, fugaz e passageiro.

Não encontrei eco de minhas palavras dentro do espaço em que trabalho. Acredito que, por antecipada decepção, eu não tenha falado muito alto. Dentro do limite que se restringe às duas turmas em que foi desenvolvido esse trabalho, sinto que, profissionalmente, não consigo me visualizar trabalhando de outra forma .

Ainda que, por ser uma prática solitária, não tenha sido uma proposta abraçada por muitos, eu a abracei com força e não tenho intenção de largá-la. Se esta proposta de conferir à palavra a sua vitalizadora função no cotidiano da sala de aula não produziu um sucesso indiscutível, é, para mim, certo que o caminho, longe da palavra e agarrado ao papel, que temos trilhado nos anos a fio, pode até vir a produzir algum sucesso, mas um sucesso discutível e não muito duradouro, na minha opinião.

“Belo Horizonte, 24 de maio de 2010.

Como vai Adriana?

Adriana, estou escrevendo esta carta para você porque a professora Valéria começou um projeto chamado “Cartas para Adriana”. Nesse projeto, estaremos realizando atividades e depois escrevendo cartas para você. A professora disse que 60% dos alunos da rede municipal de educação estão abaixo da média de aprendizagem. Eu acho que esses alunos deviam se dedicar mais aos estudos. Só 40% desses alunos estão acima da média de aprendizagem, e olha. Uma boa parte desses alunos não estão tão bons assim.

Eu queria que em cada escola tivesse uma professora Valéria, porque eu adoro ela. E também porque ela sabe ensinar de uma forma diferente. Ela ensina de uma forma diferente mas que nós entendemos e não esquecemos. Ah, então vamos ao assunto. Nessa primeira carta estarei falando do perímetro e das figuras geométricas. Ah, então vamos começar com o perímetro. Vou falar como é o perímetro. É quando a gente mede algo e depois soma.”(...)

Observar hoje, decorridos mais de cinco meses da aplicação do plano de ação, o comportamento dos alunos, sua atenção e sua disciplina, os comentários das famílias e dos próprios estudantes me faz acreditar que, apesar de alguns problemas (alguns alunos sem iniciativa, pais pouco participativos, falta de parceiros em turmas anteriores e posteriores a essas), valeu a pena venerar a palavra, em sua atribuição de conferir vida ao pré-existente, como descrito nos elementos estruturantes das sociedades africanas. Nesse elemento (a palavra) pode estar a chave para muitos enigmas e problemas de nossos viver e de nosso fazer pedagógico.

“Ensinar é um exercício de imortalidade, de alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.” (Rubem Alves)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contribuir para a efetiva aplicação da Lei 10.639/2003 deixa de ser apenas uma escolha para quem observa as estatísticas de saúde, mobilidade social, ingresso na Universidade, acesso às esferas de decisão e outras, pelo recorte racial. Para aquele que tenha passado pelo curso de História da África e Cultura Afro-brasileira – LASEB – UFMG, edição 2009/2010, torna-se mais que um dever. Vira um compromisso histórico e político consigo mesmo, com a África e os africanos de ontem e de hoje e com o Brasil que não pode seguir, fazendo de conta que nada sabe daquele continente.

Aquele Continente está aqui. Esteve na formação desse povo e continua, ainda, nos dias atuais, buscando reconhecimento, visibilidade, acesso aos bens materiais e imateriais.

O respeito e o reconhecimento à contribuição histórica dos africanos é mais que uma esmola, que um elogio mentiroso ao cabelo crespo e ao samba. A luta pela aplicação da Lei 10.639/2003 é a luta pela nossa própria sobrevivência, e aqui não se trata apenas da sobrevivência dos não-brancos. A nação brasileira parece não se dar conta de que os valores éticos, religiosos, estéticos dos africanos são tão valores como aqueles que se forjam em diferentes regiões do planeta; ou seja, valorizar a África é valorizar um acúmulo de saberes que podem nos ajudar, e muito, nos nossos dramas cotidianos e em nossa crise de valores pós-moderna.

Será uma pena se o Brasil desperdiçar essa chance de se encontrar com a África e consigo mesmo.

O encontro inadiável com a África está perto de nós, em nosso próprio modo de falar, viver e aprender. *“Quem tem ouvidos para ouvir que ouça.”*

7. REFERÊNCIAS

BÁ, Amadou Hampâté; tradução Xina Smith de Vasconcellos. Amkoullel, o menino fula/ _São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas,2003

BONDIA, Jorge Larrosa; tradução: João Wanderley Geraldi. Notas sobre a experiência e o saber de experiência (Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado na Unicamp, Campinas/SP, no período de 17 a 20 de julho de 2001).

OLIVEIRA, David Eduardo de. Cosmovisão Africana no Brasil:elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006. 2ª Edição.

PLANO NACIONAL DE IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial. Ministério da Educação.Setembro de 2009.

SMOLE, Kátia Stocco e DINIZ, Maria Ignez. Ler, escrever e resolver problemas: Habilidades, básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2001.

ANEXOS

ANEXO I

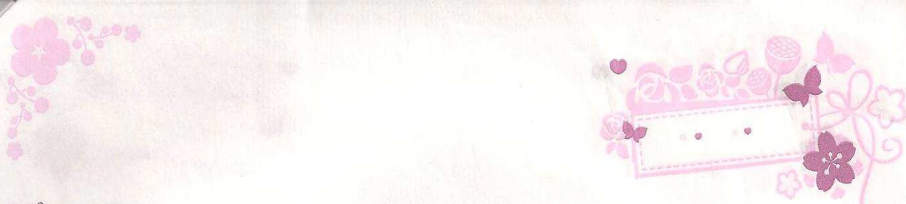
Belo Horizonte, 21 de maio de 2013
Como vivi aqui Daniela?

Daniela eu estou escrevendo esta carta para você, por que a professora falou iniciar um projeto chamado "cartas para Daniela". Nesse projeto, realizando experiências e atividades e depois vamos escrever cartas para você.

Eu adorei quando a professora falou que começaríamos a escrever cartas para você, por que eu adoro escrever cartas, textos, relatórios e tudo mais. A professora disse que ela iria fazer uma experiência no piquete com animação, por que eu amo experiências. Nessa experiência desenvolveríamos a capacidade de cuidar e de ser mais cuidadoso, na hora que a professora disse eu pensei na reportagem que eu vi no jornal, me animava e me motivava com apenas 15 16 anos. Vou animar o nome da experiência se chama "págal como um bebê".

No primeiro dia, nós recolhemos a cor do balão. A cor era vermelha, mas nós gostamos querendo o verde, só que não ia acontecer. A professora disse que iria para depois para amarelo e balão.

Na hora de amarelo foi uma coisa legal, por que eu não havia notado o balão e a água estava saindo toda para fora, aí o Felipe chegou e pediu para eu escrever por que se não ele não ia escrever. Nós o tivemos para a sala e a Brenda emprestou uma colherinha para amarelo e mimim. Eu fui para casa com o bebê no primeiro dia.



Assim que eu cheguei em casa, eu almocei e fui direto para o banheiro dar banho nela. Ah o nome dela era Lara, eu enchi a bacia com água fria, por que eu fiquei com medo de colocar água quente e ela se queimar. Na minha casa, havia muito bom da minha prima. Eu peguei, coloquei duas colheres na mamadeira e depois coloquei água quente. Dei mamadeira para a Lara e coloquei ela para arrotar. Depois fiz a costela com um paninho e coloquei ela para dormir.

Ela sumou duas e meia. E peguei ela e dei mamadeira de novo porque já havia se passado três horas, e os nutricionistas falam que devemos nos alimentar de três em três horas. Mais tarde, coloquei a Lara para tomar um solzinho lá no varanda. Depois dei outro banho. Eu comprei um xalente da turma da Mônica e passei nela. Ela ficou muito chateada depois enxuguei a Lara e enxuguei ela. Passei o talco e o creme de corpo e depois coloquei o leite. Deixei ela vendo televisão e coloquei ela para dormir e depois ela não se achou e logo ela dormiu.

No outro dia, levei ela para a escola. Levei leite em pó e uma cestinha para ela dormir e o Felipe levou uma fralda. Na aula toda hora tinha que dar mamadeira ficar segurando ela. Já Daniela! Eu fui dar um pouco de leite em pó para a Dama e derramei aqui no chão deu uma lambança e tinha que ser. O Felipe levou lá para lavar ela para cada mês dia.

Como era educação física o professor deixou a gente
ficar cuidando dos bebês. Eu, a Brenda e Natalia
e a Emmanuelle e a professora passaram um tempo
mes bebês e eles ficaram muito cheirosos,
ai eu e as meninas fomos dar uma volta
na quadra com eles. Logo depois levamos para
o tanque e demos um banho. Depois demos
amamentação e logo após o sinal letel.

Então chegou o dia de eu levar a Joana
para casa. Mas eu não estava tão animada
como no começo por que ele descobri como é
difícil cuidar de um bebê e eu até descobri por
que a professora colocou o nome da experiência
de "fragil como um bebê" por que um bebê é muito
fragil. Imagina só Daniela uma mãe de 15-16
anos ir para a balada e deixar o bebê em casa
e ela pagar e falar que não vai amamentar
mais uma criança com 1 ou 2 meses de vida.
E só toma leite materno. Um bebê dessa
idade não pode tomar um caldo uma sopa
nem arroz e feijão ele não tem nem dentes.
O estômago de um bebê é muito fraco para
ingerir isso. Mas o leite materno pelo contrá-
rio é o melhor alimento nos primeiros meses
de vida além de ser o melhor alimento
para o recém-nascido esse leite é cheio de
anti-cópses e tem um leite que é o primeiro
que o bebê ingere é chamado colostro esse leite
ajuda a fortalecer o intestino do bebê.

VIRE =>

tilibra

Nos últimos dias eu não estava aguentando
mais cuidar do balão. Ah! Liana, você não
vai acreditar mas que eu estava pensando em
fazer. Eu queria pegar o balão subir em algum
lugar alto e tocar nele.

Um abraço

Lyelle Supplina de Lima Gonçalves.

21-05-2010

11111



ANEXO II

Belo Horizonte, 03/08/2010.

Bom dia, Doniêlo! Como vai?

Hoje eu tenho mais 4 assuntos para falar
pra você. Eles são: Bebê prematuro, Parto normal,
Parto cesariano e a importância do leite materno

Bebê prematuro

O Bebê prematuro é aquele que nasce antes
de completar 38 semanas. Ele é colocado em
uma incubadora e recebe oxigênio por dias artificiais.
E para os perigos do hospital, mexerem nele,
tem um par de luvas encapadas na incubadora.

Parto normal

O parto normal é quando o bebê nasce
pelo vagina e não precisa fazer um corte no abdômen.
não fazer um desenho pra você ver.



ANEXO III

Belo Horizonte, 31 de maio de 2010.



Queridos alunos da turma 22,

Foi com muita alegria que li as cartas que vocês me escreveram. Gostei de saber que ao passar pela experiência de cuidar de um bebê, através do projeto "Frágil como um bebê" vocês tiveram a oportunidade de perceber o quanto é preciso ter responsabilidade para cuidar de um filho.

Alguns alunos lembraram em seus cartinhos sobre reportagens que mostram a quantidade imensa de merinos que engravidam aos 12, 13 anos de idade sem saber das dificuldades que certamente irão enfrentar para cuidar de seus filhos. Com qual idade vocês acham que o útero já está preparado para receber um embrião?

O maior problema ocorre quando a adolescente fica grávida antes dos 16 anos, pois a gravidez é considerada de alto risco, uma vez que o útero ainda não se encontra bem desenvolvido. Ao aumentarem os casos de partos prematuros, colocando em risco a saúde do bebê e da mãe também.

Outro ponto positivo desse trabalho que vocês descreveram foi em rela-

Cão a aprenderem a dividir tarefas com os colegas, a perceberem que algumas vezes precisamos ter mais paciência para convivemos melhor com os outros.

Penseal, agora que vocês já passaram pela experiência de cuidar de um balão... quero que vocês imaginem como seria se tivessem que cuidar de balões que fossem gêmeos... Será que vocês iriam dar conta de dar dois mamoados ao mesmo tempo? E para carregá-los? Seria mais cansativo?

E já que estamos falando de irmãos gêmeos... lance um desafio a vocês! Ou melhor, dois desafios:

1º - Quem sabe me explicar como se originam os gêmeos?

2º - Por que existem gêmeos idênticos e gêmeos diferentes?

Ficarei aguardando as respostas.

Bons estudos e uma ótima semana pra todos vocês!

Abraços,
Daniela.

-- PRIMEIRA CARTA

Belo Horizonte, 24 de maio de 2010.

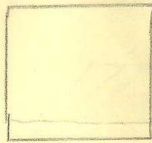
Adriana, bom dia! Como vai?

Adriana estou com a responsabilidade de informa-la sobre o conteúdo de Matemática, o alvo de várias pesquisas e comparações, uma matéria que exige força de vontade, concentração, e a paciência dos professores. Obtendo esta informação, a Valéria criou o projeto "Cartas para Adriana", com o objetivo de cada um escrever uma carta a você, com o que aprendeu na matéria que se destaca hoje na carta; PERÍMETRO E FIGURAS GEOMÉTRICAS.

A CARTA.....

Figuras Geométricas

Figuras geométricas estão até hoje no nosso ponto de estudos, sendo que começamos a aprender no dia 01/02, e você acredita que tem meninos que não aprenderam até hoje? Mas eu sei, e vou te provar!



Quadrado, tem 4 lados




Triângulo, tem 3 lados





Círculo, não tem lados

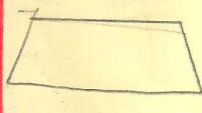


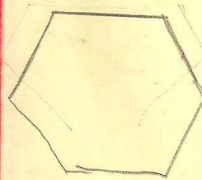
Cubo, tem 4 lados


 Cilindro, não tem lados

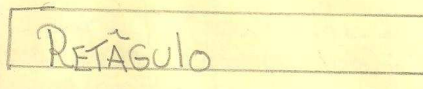
 Losango, tem 4 lados

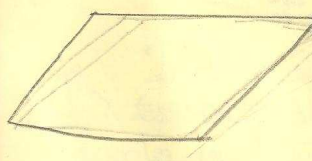
 Pentágono, tem 5 lados


 Trapézio, tem 4 lados

 Hexágono, tem 6 lados

 Cone, não tem lados

 RETÂNGULO tem 4 Lados

 Paralelograma, tem 4 Lados

 Pirâmide, 4 lados

PERÍMETRO

Perímetro é quando você mede os lados de uma figura e soma tudo. Exemplo:



$$5 + 4 + 8 + 8 + 3 = 28$$

$$9 + 8$$

$$17 + 8$$

$$25 + 3$$

$$28$$

O PERÍMETRO DESSA FIGURA É 28!

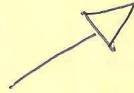
OUTRO EXEMPLO

Soma	
1º passo	3
2º passo +	2
3º passo	3
	8

Calculations to the right of the table:
 $3 + 2 = 5$
 $5 + 3 = 8$



1º passo



Você coloca um lado da figura para ser medido aqui dar 3cm (EXEMPLO); depois você coloca a medida para ser somada.

2º passo



Você mede o outro lado da figura aqui dar 2cm (EXEMPLO); depois você coloca para ser somada junto ao três.


3º passo



Você mede o outro lado, aqui dar 3cm (EXEMPLO), depois você coloca junto ao 2 e soma.

O PERÍMETRO DO TRIÂNGULO É 8

Emmanuelle Eduarda Nery Vieira Turma 22

Belo Horizonte, 09 de agosto de 2010. 

Queridos alunos da Turma 22,

Primeiramente quero dar parabéns a todos que estão se empenhando e dedicando aos estudos de ciências. Gostei muito dos cartinhos que vocês escreveram.

Percebi que agora vocês já sabem diferenciar os principais tipos de parto, sabem da importância do aleitamento materno e dos cuidados especiais que é preciso ter com bebês prematuros.

Em muitos textos que li, vocês relataram sobre o aleitamento materno, da importância do colostro, já que protege o bebê de muitos danos. Agora, quero saber de vocês o seguinte:

O que pode ser feito no caso do bebê nascer prematuro e a mãe não ter ainda o leite para amamentá-lo? Vocês acham que nesse caso, existem muitas soluções?

Qual seria a melhor? Conversem com os colegas e concluam qual a melhor forma para resolver a situação, pensando no que seria melhor para a saúde do bebê.

Abraços e beijos,
Daniela

Amamentação aumenta rendimento escolar, afirma pesquisa

Washington, 15 jun (EFE).- Os bebês alimentados com leite materno nos primeiros meses de vida geralmente têm melhores notas que os que usam mamadeira, diz um estudo publicado hoje pela revista "Journal of Human Capital".

O melhor rendimento escolar básico também se traduz em maiores possibilidades de boas qualificações em colégios do ensino médio e na universidade, acrescentou.

A pesquisa, realizada por professores da Universidade Americana e da Universidade do Colorado, estudou o rendimento de 126 crianças que foram amamentadas com leite materno e o comparou com um número similar que usou mamadeira.

Segundo os cientistas, a pesquisa determinou que, por um mês de amamentação, essas crianças registraram um melhor rendimento médio no ensino médio de 0,019 ponto.

Por outro lado, as probabilidades de conseguir entrar na universidade aumentaram também em uma média de 0,014 ponto.

"Os resultados de nosso estudo sugerem que os benefícios intelectuais e de saúde (da amamentação) podem ter como resultado benefícios educacionais de longo prazo para as crianças", afirmou Joseph Sabia, da Universidade Americana e um dos autores da pesquisa.



VIII Encontro Nacional
sobre o Bebê
I Encontro Internacional sobre o Bebê

Fonte: <http://mamamiaamamentar.wordpress.com/2009/06/23/amamentacao-aumenta-rendimento-escolar-afirma-pesquisa/>

//_

Belo Horizonte, 20 de junho de 2010.

Olá alunos da turma 22!

Em primeiro lugar quero me desculpar pela demora em responder as suas cartas. Fiquei muito feliz pela oportunidade que a Valéria me deu de conhecer o lado estudioso dos alunos da turma 22. Pelo que li nas cartas, vocês não fazem parte dos 60% dos alunos das escolas municipais que estão com dificuldades em matemática.

A Nathália me contou que vocês estão craques em matemática por causa da atividade ponto de estudo trabalhada pela Valéria e a Emmanuelle me informou que desde o 1º dia de aula as figuras geométricas e o perímetro fazem parte do ponto de estudo. Vocês estão utilizando muito tempo para estudar as figuras geométricas e o perímetro porque são muitas as figuras e elas têm muitas características. Então Felipe não se preocupe, pois você tem razão, há outras figuras além das que vocês estão estudando e, um tempo certo, vocês estudarão sobre elas.

A Valéria deve estar orgulhosa de vocês pelo tanto que

DATAPEL

voçês aprenderam e se voçês conti-
nuarem assim com certeza ajudã-
rão a subir o nível de aprendi-
zagem de matemática das escolas
municipais. Eu ficarei feliz quando
estiverem no 3º ciclo e puder dar
aula para voçês.

Algumas coisas que voçês fala-
ram nas cartas me deixaram
curiosa, então mando algumas
questões para discutirmos depois.

Voçês sabem por que o retân-
gulo, o triângulo, o pentágono, o
hexágono e o paralelogramo têm
esses nomes?

Como se chama a figura que
tem os quatro lados com a mesma
medida?

Tanto o quadrado quanto o
retângulo têm quatro lados,
então qual é a diferença entre
essas duas figuras?

Voçês me explicaram que para
achar o perímetro de uma figura
basta somar seus lados, então
não é possível calcular o perí-
metro do círculo desta manei-
ra, pois ele não é formado
de lados. Voçês conseguiriam me
dar o perímetro do círculo utili-
zando barbante e régua?

João Pedro quanto é o
perímetro de um retângulo que

DATA: / / EL

tem 3 cm de comprimento e 2 cm de largura?

Davi Os números com vírgula foram criados para que pudéssemos fazer medidas. Tudo que medimos é chamado de perímetro?

Cybele quanto é o perímetro de um paralelogramo que tem dois de seus lados medindo 1 m e 5 m?

É possível um retângulo ter os lados medindo 1 m, 2 m, 3 m e 4 m?

Joseph a medida 1 cm e 7 mm pode ser escrita utilizando um número decimal. Qual é esse número?

Vou terminar por aqui, mas aguardo com ansiedade as próximas cartas de vocês e desde já agradeço por me permitirem participar do processo de aprendizagem de vocês. Deixo também um desafio geométrico para vocês. Existe um quebra cabeça de 7 peças chamado Tangram e é possível formar figuras humanas, figuras de animais, figuras de objetos e muitas outras utilizando as suas 7 peças. Tentem formar um quadrado utilizando 2, 3, 4, 5, 6 e 7 peças do Tangram.

Beijos a todos,

Adriana.

DATAPEL

Belo Horizonte, 21 de outubro de 2010.

Olá alunos da turma 22!

É muito bom estar escrevendo para vocês novamente e estou encantada com os jornais produzidos por todos. Além de serem bons alunos em Matemática estão se saindo ótimos jornalistas. A melhor notícia dada por vocês é a de que juntamente com o aprendizado da Matemática vocês estão aprendendo a gostar desta disciplina, pois passaram a perceber o quanto ela faz parte do nosso dia-a-dia e que não é difícil aprendê-la.

O jornal Conte nos Dedos traz no seu título um pouco da história do sistema de numeração decimal, pois a contagem de objetos por agrupamentos de 10 está relacionada com o número total de dedos das mãos. Na seção notícias curtas o jornal nos informa sobre a Olimpíada de Matemática acontecida na escola. Na verdade esta Olimpíada é nacional e envolve todos os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e os alunos do ensino médio de escolas públicas, é a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas (OBMEP). Desde a primeira edição da OBMEP alunos da Escola Municipal Hélio Pellegrino são premiados. Em 2011 será a vez dos alunos das turmas 21 e 22 participarem e espero que se saiam bem. Se quiserem mais informações sobre a OBMEP entrem no site www.obmep.org.br.

Aqueles que têm dificuldade com a Matemática não podem perder as explicações dadas nos vários jornais. Por exemplo, O Jornal Matemático de Carlos e Marcos traz uma boa explicação sobre a representação de um décimo no QP. O mesmo assunto é bem tratado na seção Você Sabia? do Mister Eco. Os jornalistas Humberto e Lucas registraram em seu jornal a tabuada do 5 que nos mostra que os múltiplos de 5 terminam em 0 ou 5. O Jornal Nacional sobre a Matemática nos conta que com simplesmente dez algarismos (0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9) é possível formar TODOS os números do nosso planeta, e digo mais, com certeza todos os números do universo! Os jornalistas Maycon e Vinícios dão exemplos esclarecedores sobre as frações na seção Notícias Curtas. Além disso, eles deixam a sequência 0,5 – 1,0 – 1,5 – – 20,5 para ser completada. Quem saberia dizer quantos números faltam nesta sequência?

O Jornal Matemático das jornalistas Brenda e Cybelle traz um relato da declaração da aluna Mariana Luiza sobre o método de estudo utilizado pela professora Valéria – o ponto de estudo. Segundo as jornalistas a aluna disse que

raciocínio rápido não percam o do jornal A Folha Matemática de André e Vitor. Tentem também resolver a adivinhação e o desafio do jornal A Inteligência Matemática. No jornal Desafios Matemáticos há o desafio tabuada para aqueles que estão se exercitando neste assunto. Os que gostam de cálculos mentais, podem se exercitar com $98 + 758$, $10\,150 - 450$, $475 + 399$ e outros do Jornal 21.

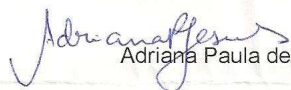
Na legenda da foto de um rio os jornalistas Cleverton e Erick colocaram que havia ali mais de 100 000 000 litros de água. Quem poderia ler este número?

Hoje um outro veículo de informação muito utilizado por todos é a internet. Há vários sites sobre a Matemática e com jogos super interessantes. Dois deles são: www.rachacuca.com.br e www.tvcultura.com.br/artematematica.

Termino fazendo uso do belo acróstico das jornalistas Paloma e Nayara:

Multiplicação
usa
inteligência
pensamento
Memória
prática
Tabuada
Inteligência
Cérebro
desafio

Sucesso e abraços a todos!


Adriana Paula de Jesus

adora o ponto de estudo mais do que o para casa porque a família dela sabe o que ela está aprendendo. O manifesto a favor da multiplicação é muito bem vindo, pois esta operação não é difícil, afinal ela representa de uma forma simplificada a adição. A tirinha no final do jornal nos mostra como os alunos estão modificando seu pensamento sobre a Matemática, pois aprendê-la só depende da nossa capacidade de pensar e ao aprender desenvolvemos nossa mente.

Os jornais também proporcionam divertimento com a Matemática, pois trazem caça-palavras, cruzadinhas, adivinhações, desafios e palavra-secreta. No Jornal da Matemática de Larissa e Radimila há um bom desafio da tabuada. Quem é capaz de

resolver $\frac{1}{4}$ de $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{2}$ de $\frac{1}{5}$, proposto por Ana Laura e Vitória? O que é? O que é? É

dividido por 2 e o resultado é $\frac{1}{4}$? Desafiam Laissa e Nathalia no Jornal da

Matemática. Os jornalistas Wallace e Erick questionam o que é menor que $\frac{1}{5}$ e

maior que $\frac{1}{8}$? Será que só tem uma resposta?

Os jornais trazem ainda ótimos versos, receitas, acrósticos e tirinhas. Davi e Joseph relacionaram a Matemática e a Ciência em uma boa tirinha. Ao ler a tirinha dos jornalistas Gustavo e João Pedro fiquei pensando quem é capaz de resolver rapidamente os fatos propostos à personagem.

Hoje um outro veículo de informação muito utilizado por todos é a internet. Há vários sites sobre a Matemática e com jogos super interessantes. Dois deles são: www.rachacuca.com.br e www.tvcultura.com.br/artematematica.

Termino com a ótima receita para um bom aluno do Jornal Matemático de Érika e Maria Cecília: 2 colheres de estudo, 3 xícaras de pensamento e 2 colheres de atenção e assim está pronto! O aluno que quiser se transformar em um **bom aluno** pode seguir também a receita de Edson e Vitor: 2 xícaras de esforço, 3 colheres de fração, 3 xícaras de multiplicação, 4 sacolas de raciocínio e 1 xícara de tabuada.

Sucesso e abraços a todos!


Adriana Paula de Jesus

Belo Horizonte, 20 de outubro de 2010.

Olá alunos da turma 21!

Estou muito feliz em me corresponder com vocês mais uma vez e também muito satisfeita com o jornal produzido pelas duplas de jornalistas da sala. Vocês demonstram que são capazes não só para aprender Matemática, mas também criativos para escrever. Vocês já têm duas boas opções de profissões que podem seguir: jornalismo e magistério.

Nas seções notícias curtas e entrevistas os jornalistas citam algumas dificuldades apresentadas pelas pessoas com a Matemática, mas se elas forem leitoras dos jornais de vocês aprenderão muito sobre esta disciplina. Os jornalistas dão ótimas explicações e proporcionam divertimento com a Matemática através de cruzadinhas, caça-palavras, desafios, adivinhações e outros.

No jornal Super Mente encontra-se uma boa explicação sobre a colocação de um décimo no QP. Quem tem dúvidas sobre este assunto não pode deixar de ler. Além disso, os jornalistas Tiago e Stevan explicam que o QP também ajuda na realização das operações.

Vários jornais falam sobre porcentagens e o jornal Folha 21 de Herif e Lucas dá explicações para se compreender de maneira fácil o que é 75%, assunto extremamente relacionado com o nosso dia-a-dia.

No jornal Super Matemático há um lindo menino geométrico mostrando que Matemática e Artes têm tudo a ver uma com a outra. Além disso, várias das imagens apresentadas nos jornais têm formas geométricas, sejam elas da natureza ou criadas pelo homem o que mostra a influência da Matemática em nossa vida.

Para quem gosta de poesia não perca o versinho do Mister Eco. É a Matemática e a Literatura.

Vários jornais tratam das frações – assunto considerado difícil, mas que os jornalistas explicam muito bem. Após lerem estas explicações tentem resolver o desafio do jornal Super Mult.

Na entrevista do Eco Matemática há uma boa pergunta que deixo a todos:

quanto é $\frac{1}{2} + 3 \div 2$? Uma das palavras secretas do Super Matemático – Vivendo e Aprendendo é um bom desafio para aqueles que gostam de exercitar sua mente. Vejam: N U D N O M E I. Para aqueles que gostam de desafios que exigem

ANEXO VIII

PONTO DE ESTUDO DIÁRIO

1

DATA: _____ NOME: _____

100%

FIGURAS GEOMÉTRICAS

SEQUÊNCIA NUMÉRICA +3 -2

DOBRO

METADE

A QUARTA PARTE

MEU COMPROMISSO COM O CURSO:

EU ENTENDI AS EXPLICAÇÕES DA PROFESSORA SOBRE OS ASSUNTOS ESTUDADOS E SEI FALAR SOBRE ELES. ASS. DO(A) ALUNO(A) _____

QUEM _____ OUVIU _____ MINHAS EXPLICAÇÕES _____

PONTO DE ESTUDO DIÁRIO

2

DATA: _____ NOME: _____

SEQUENCIA NUMÉRICA ORDEM DECESCENTE

FIGURAS GEOMÉTRICAS

100%

SUBTRAÇÃO COM REAGRUPAMENTO

A QUARTA PARTE

TRAVALÍNGUA DO SÓ TATÁ

MEU COMPROMISSO COM O CURSO:

EU ENTENDI AS EXPLICAÇÕES DA PROFESSORA SOBRE OS ASSUNTOS ESTUDADOS E SEI FALAR SOBRE ELES. ASS. DO(A) ALUNO(A) _____

QUEM _____ OUVIU _____ MINHAS EXPLICAÇÕES _____

PONTO DE ESTUDO DIÁRIO

DATA: _____ NOME: _____

SEQUENCIA NUMÉRICA ORDEM DECESCENTE

FIGURAS GEOMÉTRICAS

100%

SUBTRAÇÃO COM REAGRUPAMENTO

A METADE

TRAVALÍNGUA DO SÓ
TATÁ

O TRIPLO

MEU COMPROMISSO COM O CURSO:

EU ENTENDI AS EXPLICAÇÕES DA PROFESSORA SOBRE OS ASSUNTOS
ESTUDADOS E SEI FALAR SOBRE ELES. ASS. DO(A)
ALUNO(A) _____

QUEM _____ OUVIU _____ MINHAS
EXPLICAÇÕES _____